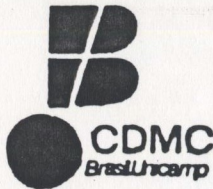




UNICAMP

EVENTO:	Arthur Nestrovski escreve livros sobre a modernidade
VEÍCULO:	FOLHA DE SÃO PAULO
DATA:	02 jun 96
PÁGINA:	5-11
SEÇÃO:	ILUSTRADA



A tradição da ironia

Ensaios do crítico Arthur Nestrovski discutem a gênese da modernidade

da Redação

A modernidade no campo estético é associada com frequência às rupturas formais instauradas pelas vanguardas a partir do início do século 20.

Para o professor e ensaísta Arthur Nestrovski, 36, esta definição estreita não consegue compreender as razões dos processos auto-críticos constituídos a partir da fundação do modernismo.

Em seu livro de ensaios, alguns deles publicados na *Folha*, “Ironias da Modernidade”, que a Editora Ática está lançando esta semana, ele recorre ao conceito de ironia para esclarecer e situar a gênese da modernidade estética.

Nesta entrevista à *Folha*, Nestrovski examina o trabalho da ironia na fundação da literatura e da música modernas e discute a situação da crítica brasileira hoje.

(CÁSSIO STARLING CARLOS)



Folha - Nestes ensaios o sr. aplica o conceito de modernidade a um período muito mais amplo do que costumamos reconhecer, como uma era marcada pelas rupturas formais. Quais são as fronteiras da modernidade?

Arthur Nestrovski - Nós fomos educados num padrão de leitura que é o da alta modernidade em sentido estrito, que tem um de seus gestos mais repetidos naquela idéia de ruptura ou de crise, que é uma das figurações irônicas do modernismo. A gente crê demais

no modernismo como novidade.

Quanto mais eu estudava a literatura do início do século 19, especialmente a partir da obra do poeta Wordsworth, mais me parecia que o que se chama alto modernismo é um momento particular dentro de um projeto que é muito anterior. Um projeto que corresponde mais à virada do século 18 para o século 19 que da passagem do século 19 para o século 20.

Folha - Que lugar ocupa a ironia neste contexto?

Nestrovski - Em fins do século 18, que corresponde ao período da obra de Kant, assiste-se a uma transformação na idéia do que pode ou não pode fazer a literatura, ou a música.

O que vai acontecer no fim do século 18 é, em poucas palavras, a sensação de que a linguagem é insuficiente como instrumento de dominação da experiência. Ela pode fazer certas coisas, e não pode fazer outras.

Isso vai coincidir, na literatura, com o desenvolvimento de uma certa forma de escrever, na qual a linguagem constantemente se põe em xeque. Ela não acredita mais na possibilidade de representar diretamente as coisas ou de reproduzir a experiência de uma forma transparente. Esse distanciamento é o que define a ironia.

Folha - A ironia implica a reflexão da linguagem?

Nestrovski - Sim. No poema “Prelúdio”, de Wordsworth, por exemplo, a poesia deixa de ter um

assunto fora de si mesma. Ela é sobre o próprio poema se transformando em poema. Este é um dos motivos por que há tantos textos circulares na modernidade.

Folha - E como esse fenômeno ocorre na música?

Nestrovski - É muito diferente observar uma sonata tardia de Beethoven e uma sonata de Mozart ou de Haydn uma geração antes, com 20, 30 anos de diferença. Você vai ver uma enorme quantidade de gestos composicionais que simplesmente não existiam antes, como, por exemplo, momentos na música de Beethoven em que a música simplesmente parece estancar, em que deixa de ser música e passa a ser simplesmente um som suspenso no meio do vazio.

Todos estes são gestos que eu chamo de irônicos, porque são momentos em que a linguagem por assim dizer desacredita da sua identidade expressiva ou narrativa. Ela se faz quebrar, rompe o véu de naturalidade e nos força a observar de fato o que são os meios. Meios muito tangíveis e muito brutos a partir dos quais a gente vai elaborar o significado.

Folha - A maioria dos ensaios reunidos no livro foram publicados originalmente em jornais. Qual sua opinião sobre este trabalho voltado para o grande público?

Nestrovski - Publicar na imprensa torna o trabalho do intelectual, pelo menos potencialmente, muito mais visível e efetivo do que na sala de aula. Especialmente num país como o Brasil, um intelectual que se preocupa de fato com questões de educação tem a obrigação de se valer da imprensa.

Por outro lado, a imprensa preenche uma lacuna deixada pela quase completa ausência de publicações acadêmicas de grande porte. Uma função do jornalismo cul-

tural seria estimular ou dar espaço à discussão de questões intelectuais num nível bastante sofisticado e de polêmica que vai muito além da mera informação.

Folha - Como o sr. avalia a crítica literária feita hoje no país?

Nestrovski - No caso específico da literatura, os programas de pós-graduação nasceram num momento histórico muito particular do país. O auge da crítica literária no Brasil como força de pensamento público coincide precisamente com os movimentos de resistência política.

Coincide também com o surgimento de uma geração de críticos extraordinária, pessoas como Antonio Candido, de uma outra linhagem Haroldo de Campos, posteriormente Roberto Schwarz e Davi Arrigucci. Todos críticos de primeira grandeza, mas que, por isso mesmo, provocam um sentimento de angústia tão forte nas gerações que se seguem, que até hoje parece difícil imaginar formas de crítica literária no Brasil que pensem a literatura a partir de outros propósitos.

Folha - Que outros propósitos poderiam alimentar a crítica hoje?

Nestrovski - É curioso, mas o Brasil, que é de maneira geral muito importador, ao mesmo tempo me parece um país, na área das ciências humanas, altamente conservador. De maneira geral, o pensamento literário brasileiro ainda é regido por questões que são primordialmente as da relação entre literatura e sociedade.

É um pensamento político da literatura sob padrões que são, no mínimo, passíveis de debate quando confrontados com tudo o que aconteceu nos últimos 20 anos na filosofia e na crítica literária em centros em que estas áreas têm uma energia maior.



Arthur Nestrovski, autor dos ensaios de “Ironias da Modernidade”

Coreografia da crítica

NELSON ASCHER

da Equipe de Articulistas

A crítica brasileira contemporânea, jornalística ou universitária, tornou-se preponderantemente uma desconversa, um diálogo-de-surdos entre os que evitam a controvérsia a todo custo e os que exigem conversões a qualquer preço. Uns lançam mão de toda uma terminologia esotérica supérflua para não dizer nada ou repetir singelos lugares-comuns; outros degradam planos pilotos de outra em seus próprios planos pilantras para pregar uma (meia)-verdade, tão indiscutível quanto irrelevante, no deserto que eles mesmos criam ao seu redor. Essa desconversa generalizada exclui tão somente o objeto de estudo e seu destinatário, ou seja, o autor e o leitor entre os quais pensava-se em tempos mais felizes que a crítica seria uma ponte.

“Ironias da Modernidade”, de Arthur Nestrovski, está definitivamente desatualizado do contexto acima, pois é o livro de um leitor, sobre leituras e/ou sobre a leitura, dirigido —escândalo dos escândalos!— aos leitores. Seus textos são concebidos de uma maneira tão obsoleta que chegam a evocar criaturas pré-pós-modernas como Anatol Rosenfel, Otto Maria Carpeaux ou Paulo Rónai, esses cosmopolitas que ainda acreditavam no mito inteiramente desacreditado do estilo ensaístico individual. E tampouco estão livres de inúmeros outros vícios dos quais este país se acreditava curado.

Nestrovski insiste, por exemplo, em discorrer não sobre os novos meios, a multi e a interdisciplinaridade, a sociedade e o inconsciente (individual ou coletivo), mas, preferencialmente, sobre autores e obras literárias ou musicais, levando-os —imaginem!— a sério, como se fossem temas dignos da verdadeira crítica (com o agravante de que a maioria de escritores mencionados não são nem sequer brasileiros, nem a música analisada é a popular, julga-os também mais interessantes do que as interpretações que oferece e cai, portanto, no pecado de não usá-los apenas —e eles têm alguma outra utilidade?— para demonstrar, ou melhor, ilustrar grandes teorias; além disso, ele perde todo o seu tempo tentando entender e expli-

car (operações sabidamente impossíveis) o que já foi feito antes, quando, de acordo com os padrões atuais, deveria ter se dedicado a compor um manual de instruções para as artes do futuro. Para que serve um crítico desses? Que se pode fazer com ele? Só mesmo lê-lo.

“Ironias da Modernidade” aborda um conjunto de autores e compositores que vai de Shakespeare a Sam Sheppard, passando por Hawthorne, Borges, Orkény, Calvino, Pérec, James Joyce, Haroldo de Campos, e de Beethoven a Schönberg e Kurt Weill, valen-

A OBRA

Ironias da Modernidade -

Arthur Nestrovski. Editora Ática (r. Barão de Iguape, 110, SP, CEP 01507-900, tel. 011/278-8322). 174 págs. R\$ 17,60.

do-se, para tanto, de um elenco de teóricos e exegetas em que os anglo-americanos —Mathew Arnold, Northrop Frye, Harold Bloom etc.— ocupam lugar de destaque.

O essencial, porém, é que nenhum desses estudiosos se congela enquanto um “guru” cujos ensinamentos devem ser automática e irrefletidamente repetidos. (Exemplar, neste sentido, o artigo sobre Haroldo de Campos, no qual o que se realiza, ao contrário da regra que tantos aqui aplicam a tantos outros, é um exercício crítico de admiração que não se dilui em protestos de uma vassalagem epidermicamente consagratória.) O que Nestrovski faz é submeter os críticos ao mesmo escrutínio que merecem os autores —algo que resulta na mútua iluminação de duas séries diferentes (por mais que entrelaçadas), a da criação e a da crítica.

E o escrutínio mesmo se transforma num dos temas condutores de um livro em que artigos de origem heterogênea convergem na formulação de algumas questões centrais. Ao tematizar a “modernidade” à luz do conceito de “ironia”, o autor não só reafirma sua convicção de que o nascimento daquela coincide em linhas gerais

com o romantismo, como enfatiza que, se há algo que a diferencia do que a precede, é a autoconsciência inevitavelmente inscrita, desde então, em todas as suas obras relevantes. Esse fio de Ariadne permite o trânsito de duas mãos entre a produção propriamente “criativa” e a explicitamente crítica, produções que, como se demonstra, há muito convivem menos em simbiose e complementaridade do que em competição e conflito.

A investigação das obras, o exame de seus comentários e a retomada frequente das primeiras por meio da consideração consciente e distanciada do que sobre elas se escrevera harmonizam-se, em “Ironias da Modernidade”, num conjunto de operações simultâneas que se desenrolam com uma elegância quase coreografada.

Essa quase coreografia põe também em cena, um pouco em todos os textos, mas de modo explícito e didático no intitulado “Influência”, um conflito entre duas idéias da modernidade que se encarnaram em dois autores-personagens: T.S. Eliot (representado antes de mais nada por seu “Tradição e o Talento Individual”) e, não tanto o Harold Bloom de “A Angústia da Influência” que se poderia esperar de seu principal paladino brasileiro, o Borges de “Kafka e seus Precursores”. Historiando e descrevendo as diferenças entre duas concepções não raro consideradas similares, o autor toma decididamente o partido do argentino e coloca a discussão crítica nacional nos únicos termos reais em que merece ser prosseguida.